

# REPRESENTAÇÕES DOCENTES NO INSTAGRAM: DESTERRITORIALIZAÇÕES E RETERRITORIALIZAÇÕES EM TEMPOS DE CRISE PANDÊMICA

Cátia Veneziano Pitombeira<sup>1</sup>

Lucas Rodrigues Lopes<sup>2</sup>

Éderson Luís Silveira<sup>3</sup>

**Resumo:** Neste trabalho, propomos uma reflexão sobre as representações docentes em uma página do Instagram intitulada Escola de Passarinhos. Para isso, analisamos duas postagens com o objetivo de melhor compreender as (re) produções de sentidos produzidos nos dizeres docentes, quando falam de si e dos outros, focalizando nossa atenção para as noções de tempo-espço, de identidade e de atuação profissional. Mobilizaremos os conceitos de discurso e de sujeito, conforme proposto por Foucault (1996) e Coracini (2007), para rastrear as desterritorializações e reterritorializações (DELEUZE & GUATTARI, 2009) docentes nessas duas postagens sobre Educação em tempos de COVID-19. Podemos mencionar, então, que, em meio a tempos pandêmicos, as tecnologias digitais promovem a instauração de processos de desterritorialização e reterritorialização, que criam novas formas de circulação do poder (Foucault, 1979) e outros/novos agenciamentos (Deleuze & Guattari, 1997).

**Palavras-chave:** Docência. Representações. Discursos. Desterritorializações.

## INSTAGRAM TEACHER REPRESENTATIONS: DETERRITORIALIZATIONS AND RETERRITORIALIZATIONS IN TIMES OF PANDEMIC CRISIS

**Abstract:** In this paper, we propose a reflection on the teacher representations on an Instagram page entitled Escola de passarinhos. For this, we analyzed two posts with the objective of better understanding the (re) productions of meanings produced in the teaching sayings, when they speak of themselves and others, focusing our attention on the senses of time-space, identity and professional performance. We will mobilize the concepts of discourse and subject, as proposed by Foucault (1996) and Coracini (2007), to trace the deterritorializations and reterritorializations (DELEUZE & GUATTARI, 2009) teachers in these two posts on Education in times of COVID-19. We can mention, then, that, in the midst of pandemic times, digital technologies promote the establishment of processes of deterritorialization and reterritorialization, which create new forms of circulation of power (Foucault, 1979) and other/new agencies (Deleuze & Guattari, 1997).

**Keywords:** Teaching. Representations. Discursos. Deterritorializations.

<sup>1</sup> Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Professora da Faculdade de Letras Língua Inglesa da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Email: catia.pitombeira@fale.ufal.br

<sup>2</sup> Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Professor da Faculdade de Letras- Língua Inglesa e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC) da Universidade Federal do Pará, campus Cametá (UFPA). E-mail: identidadesfragmentadas@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: ediliteratus@gmail.com

## Considerações Iniciais

Duas grandes forças têm atravessado a sociedade contemporânea: a globalização e a tecnologia. Ambas redesenharam o território que muitos de nós ocupamos e pelo qual transitamos no cotidiano. Isso pode ser vislumbrado pelo trânsito livre de bens e serviços, além do modo como trocamos informações e nos comunicamos. Em diversos países, considerando a crise pandêmica enfrentada por ocasião do alastramento global da COVID-19, vimos no período em que nos situamos historicamente, em maior ou menor escala, transformações no setor econômico, político, cultural, social e educacional.

Uma das transformações mais significativa para a humanidade foi que a pandemia levou ao distanciamento social. Nesse contexto, é importante pontuar, conforme mencionaram Silveira e Santana (2020), que o confinamento humano não é o único que ocorre no reino animal<sup>4</sup>. Não é incomum que espécies animais se distanciem de membros da comunidade infectados por algum patógeno. No entanto, há uma diferença: “os animais não sabem que, se ficarem em casa, poderão reduzir a taxa de transmissão. Os humanos sabem. A afirmação é de Joseph Kiesecker, cientista líder da *The Nature Conservancy*” (SILVEIRA & SANTANA, 2020, p. 106-107). Nesse cenário, a pandemia mostrou a outra face da globalização, uma vez que a circulação em âmbito internacional fez com que o vírus fosse transmitido mais rapidamente, em escala mundial. Então, passamos a viver essa contradição que impõe, além da necessidade de distanciamento social – devido à iminência explosiva do número de mortos – a adoção de novos comportamentos,

4 Silveira e Santana (2020, p. 106) mencionam exemplos como de “camundongos fêmeas que, ao farejar nos machos alguma infecção parasitária urinária, se distanciam deles ou mesmo chipanzés, que afastam brutalmente os membros doentes da comunidade” e que “abelhas e chipanzés, por exemplo, se distanciam de seres da mesma espécie que estão doentes visando a não proliferação da doença entre os membros do grupo”.

como o uso de máscara, a transição para o *home office*, o estímulo, por parte de alguns setores da sociedade, ao *homeschooling*, em contraposição ao total despreparo do governo na busca de ações e tomada de decisões diante de uma situação singular.

Dessa maneira, vale pontuar que, a partir dos estudos de Giddens (1991, p. 69), entendemos a globalização como “a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa”. Esse cenário, com força de ação e de reação, por vezes calmo, noutras vezes conturbado, foi inesperadamente atravessado pela pandemia do novo coronavírus. Isso porque, se estamos divididos em nações e há especificidades geopolíticas em torno do globo, também há um efeito de apagamento de fronteiras, no qual as distâncias, mais do que separar, aproximam lugares longínquos uns dos outros.

Na fixação do espaço o “nós” é mais proeminente que o “eu” e, com isso, estamos todos ligados, onde quer que estejamos. Outrossim, algo que acontece no Oriente pode afetar drasticamente a vida do Ocidente. Dessa maneira, reconhecemos que o impacto da crise pandêmica ainda é exponencial e está longe de dar uma trégua: perda de entes queridos, escolas fechadas, reuniões *on-line*, atividades físicas dentro de casa com orientações por vídeo, congressos virtuais, alto índice de desemprego, muito oportunismo e, principalmente, serviços que, com muita criatividade, numa expressão de sobrevivência e busca de qualidade, apesar de tudo, estão sendo reinventados quase que exclusivamente por intermédio da internet. Assim, o ser humano precisa deixar seu território, isto é, desterritorializar o espaço com o qual estava acostumado para, então, reterritorializar, em outras palavras, buscar novos modos de operacionalizar e fazer morada. Estamos no campo das tecnologias digitais que vão sendo (re)

configuradas na distribuição de espaços e tempos da vida humana por meio de desterritorializações e reterritorializações diversas. Desse modo, o que era visto como uma ferramenta tornou-se essencial para a sobrevivência de atividades que, não fosse tal movimento, estariam fadadas à interrupção.

É nessa reconfiguração de nosso cotidiano, permeado por uma nova concepção de tempo-espaço, que afetamos e somos afetados em resiliência para minimamente vencer o desafio da convivência com um vírus dessa proporção. Assim, torna-se necessário considerar que as reconfigurações sofridas pela sociedade hipermoderna<sup>5</sup> são resultado do desenvolvimento científico e tecnológico amplamente dotado de marcas de deslocamento das questões de tempo e de espaço deixadas pela presença da internet e de seus artefatos.

Diante dessas considerações, escolhemos, no âmbito de uma vasta gama de recursos digitais, presentes socialmente na cultura do século XXI, o aplicativo Instagram, por causa de seu caráter multimodal em que o usuário é capaz de compartilhar fotos, vídeos gravados ou ao vivo, com ou sem efeitos, identificar a localização e, ainda, redigir um breve texto com possibilidade de marcação de *hashtags*, facilitando, assim, o encontro ou identificação de imagens sob o mesmo rótulo. O aplicativo virtual foi criado em 2010 pelo estadunidense Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger. Em 2013 Mark Zuckerberg, do Facebook, comprou o Instagram por 13 bilhões de dólares. Quando foi lançado, já em 2010, o aplicativo já havia atraído milhões de usuários. Ao longo do tempo, adquiriu outras facetas além de postagens individuais, como tornar-se uma vitrine virtual de vendas, um canal de reivindicações, de posicionamentos políticos, de ensino-aprendizagem

– por meio de lives, por exemplo –, transgredindo limites e expandindo-se cada vez mais.

Este artigo tem por objetivo discutir representações docentes no Instagram, especificamente na página da Escola de Passarinhos, escolhida por servir de lugar para compartilhamento de questões educativas, tornando-se, no decorrer do tempo, um ambiente de desterritorialização e reterritorialização em tempos de crise pandêmica. As análises serão empreendidas à luz dos estudos da linguagem a partir da noção de memória, de sujeito e de identidade do professor em sua atuação profissional.

## Das ferramentas teórico-analíticas

Dentro dos estudos da linguagem, a proposta de reflexão sobre as representações de ensino-aprendizagem na página do Instagram – Escola de Passarinhos em tempos de pandemia considerou a materialidade da linguagem, compreendendo o linguístico e o histórico - duas facetas intrínsecas na emergência do sujeito do discurso e dos sentidos que o significam. Desse modo, pensamos o sujeito ao mesmo tempo social e histórico, já que, por meio da sociedade e da história se confrontam sujeito e sistema, fazendo com que emerjam discursos.

Nossa ligação com acontecimentos discursivos, enquanto sujeitos do discurso, se dá porque somos falados pelo outro, e a história do presente é também a história das práticas discursivas que subjetivam e desubjetivam sujeitos, que nomeiam, que cerceiam, circundam, reproduzem a vidados corpos. É preciso, então, acontecimentalizar, “[...] reencontrar conexões, encontros, os apoios, os bloqueios, os jogos de força, as estratégias, etc. que em um dado momento formaram o que, em seguida, funcionará como evidência, universalidade, necessidade” (FOUCAULT, 2006, p. 339). Assim, observamos que a relação estabelecida com a linguagem é fruto da articulação do simbólico

5 A hipermodernidade foi um termo que o filósofo Gilles Lipovetsky criou para se referir ao momento em que vivemos, relacionando o termo “hiper” a um efeito de exacerbação dos valores da Modernidade.

com o político. Por conseguinte, quando o sujeito enuncia, simultaneamente, ele se subjetiva e produz sentidos acerca do mundo no qual está situado. Pensar enunciados como objetos de discurso, nesse contexto, é apreender a necessidade de compreender modos de objetivação do outro, que ocorrem por meio de discursivizações. Nesse sentido, Bana (2003, p. 119) discute que

[a] linguagem é uma prática não porque efetua atos, mas porque pratica sentidos, isto é, intervém no real. O sentido é história de modo que o sujeito significa na e pela história. Por sua vez, as palavras não estão ligadas às coisas diretamente, nem são os reflexos de uma evidência. A relação entre palavra e coisa é tornada possível pela ideologia e, desse modo, a ideologia reúne sujeito e sentido.

Sendo assim, a partir dos estudos de Foucault (1996), concebemos a noção de discurso, atravessada por interdições, nas quais emerge sua relação com o desejo e o poder. Considerando essa faceta, o autor nos mostra que, a partir dos estudos psicanalíticos, o discurso não se caracteriza apenas como manifestação ou ocultação do desejo. Bem mais importante do que isso, o discurso

[...] é também aquilo que é objeto do desejo; e visto que - isto a história não cessa de ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos apoderar (FOUCAULT, 1996, p.10).

Se o poder é objeto de desejo, é necessário considerar que, no âmbito das relações de poder e no campo das micropolíticas, podem ocorrer inúmeros modos de produção da subjetividade. Vale salientar, portanto, que a subjetivação está associada, então, a formas de identificações e desidentificações. Desse modo, neste trabalho, são os discursos docentes de si e dos outros – quando tais sujeitos falam sobre a crise pandêmica –, nosso objeto de estudo. Visando tecer pronunciamentos enunciativos de compreensão acerca da produção desses discursos essa tarefa analítica é, enquanto

analistas do discurso e formadores de professores em cursos de licenciatura, por exemplo, uma forma de promover a apropriação de discussões acadêmicas, como objeto de desejo, a fim de vislumbrar as relações de poder em que estamos e somos inseridos. Além disso, trata-se de refletir, de modo crítico, acerca dos discursos docentes em tempos de pandemia, que se constituem por meio de condições de produção discursiva específicas, o que nos aproxima de (nossas próprias) narrativas docentes, já que essas apregoam o (in) sucesso e a crise dos processos de ensino-aprendizagem em tempos de COVID-19.

Por fim, respaldados pela noção de discurso, conforme proposta por Coracini (1991, p. 338), que entende esse conceito como um “processo em que o linguístico e social se articulam, objeto ao mesmo tempo social e histórico onde se confrontam sujeito e sistema”, atrelamos as discussões empreendidas à noção de sujeito discutida por Foucault. Vale assinalar que o sujeito em Foucault não aparece como autor ou origem do dizer. Isso não é mero detalhe, visto que o sujeito do enunciado é

[...] um lugar determinado e vazio, que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes [...] descrever uma formulação enquanto enunciado [consiste] em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar para ser sujeito (FOUCAULT, 1997, p. 109).

O lugar e a posição que o sujeito enunciator ocupa estão, então, relacionados ao funcionamento discursivo. Trata-se de um lugar, e não de assinalar a origem do enunciado em um indivíduo, sob o risco de negligenciar condições sociais, históricas, culturais de produção de enunciados, que estão no entorno de tal sujeito. Vale então ressaltar que, sob esse escopo investigativo, as diversas modalidades de enunciação não reiteram uma origem do dizer ou um sujeito unitário, mas revelam a dispersão do sujeito. Por isso, Foucault vai afirmar a existência de um campo de regularidades para diversas posições de subjetividade.

Outros conceitos-chave podem ser mobilizados: reterritorializações, desterritorializações. Tais elementos tiveram aparição na obra *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*, de Deleuze e Guattari (1997). Os autores afirmam que não há território sem desterritorialização e reterritorialização, sem movimentos de esforço para reterritorializar noutra parte sendo, os dois, elementos do território. Território, aqui, não é apenas o espaço físico, mas pode ser pensado como um espaço vivido, como um sistema de percepções, como modos de subjetivação, num aglomerado de projetos e representações associados a atuações em espaços sociais e temporalidades específicas. Trata-se de observar o universo das transformações subjetivas, neste caso. Podemos mencionar, então, que, em meio a tempos pandêmicos, as tecnologias digitais promovem a instauração de processos de desterritorialização e reterritorialização, que criam novas formas de circulação do poder (Foucault, 1979) e outros/novos agenciamentos (Deleuze & Guattari, 1997). Vejamos como isso se dá por meio da análise de recortes discursivos a seguir.

### **Apontamentos de uma análise discursiva no Instagram – Escolas de Passarinhos**

Em se tratando de uma rede social na qual compartilhar fotos e vídeos são atividades que estão entre as funcionalidades, o Instagram tem servido como ponte de aplicação de filtros digitais, compartilhamentos diversos e, até mesmo, tem se aproximado do funcionamento de uma variedade de serviços, tais como Facebook, Twitter, Tumblr e Blogger. De modo original, a criação do Instagram se distinguiu pela limitação a fotos quadradas, que muito se assemelhavam a enquadramentos de ferramentas tecnológicas como Kodak Instamatic ou Polaroid, caracterizando um retorno ao passado articulado ao ineditismo das redes sociais digitais. De acordo com o site ([www.instagram.com](http://www.instagram.com)

com), a popularidade dessa rede social entre o povo brasileiro deu-se por conta de dois fatores: grande parte dos brasileiros tem acesso à internet, tendo atingido uma média (55%) maior que a global (32%) em relação ao uso da plataforma em 2015, e, 75%, em 2016. Soma-se a isso o fato de que o brasileiro é visto como adepto às postagens cotidianas, promovendo narrativas sobre si com base no crescimento vertiginoso de atualizações de smartphones.

Diante disso, é relevante destacar que o modo de funcionamento da própria plataforma digital – por meio da disposição de fotos e de vídeos com ilimitadas possibilidades de criação, ativação de comentários e compartilhamento de *stories* – faz com que ocorra a emergência de pequenas histórias que narram o eu, havendo, assim, conseqüentemente, uma proliferação de holofotes que (re) apresentam o consumo de prazeres oferecidos pelo mercado.

Nossos gestos de interpretação se darão a partir de dois eixos das postagens na página *Escola de Passarinhos*, a saber: a) currículo e b) exaustão. Em primeira instância, trazemos à reflexão o modo de funcionamento discursivo de uma página que se diz ser escola, já que, a partir do substantivo “escola”, instaura-se ora o espaço destinado à discussão ou conferência de um determinado assunto ora o ensino sob a direção de professores.

Em relação ao momento atual, conseguimos capturar um deslizamento de sentido, já que estamos tratando de uma “escola de passarinhos”, isto é, evocamos sistemas formais de educação, mas também aludimos à progressividade por meio de uma série de níveis escolares sucessivos. Dessa maneira, ancorando-nos na epistemologia arqueológica de Foucault, que busca assinalar a representação constitutiva do sujeito por meio da/na linguagem, a fim de refletir sobre os mecanismos discursivos. Desse modo, ao refletir sobre tais mecanismos, enveredamo-nos na sua relação com a produção de um sujeito “passarinho”, o que faz



emergir a representação de um aprendiz que corrobora em si a grande tolerância aos momentos de crise pandêmica, já que não está no território de sala de aula e precisa reterritorializar um novo lugar – outras gaiolas – para conseguir ter acesso ao ensino remoto emergencial. Em relação aos modos de subjetivação, é importante mencionar o diminutivo “inho” ao final do substantivo “passarinhos” já que ele produz um efeito de um “ser em fase de desenvolvimento”. Se pensarmos que se trata de um lugar em que estão sendo representados professores, por exemplo, o uso de tal elemento lexical não é aleatório, já que a reterritorialização da sala de aula, que se tornou virtual por causa da pandemia, promove a necessidade de haver desterritorializações outras, articuladas à insuficiência ou ao esgotamento de sujeitos que podem não ter muita familiaridade com tal cenário e espacialidade.

Passemos à primeira postagem, intitulada “Currículo”. Significativo ao nosso percurso analítico é o modo como essa postagem está disposta, trazendo um olhar dicotomizado temporalmente entre “antes da quarentena” e “depois da quarentena”, por meio da representação de papéis atribuídos à atuação de uma professora.

Figura 1 – “Currículo”



Fonte: @escoladepassarinhos

Tal dualidade pode ser pensada sob o prisma das discussões propostas por Haesbaert (2009), que vislumbra a atuação docente com base na noção de território. Em outras palavras, o lugar ocupado pelo professor institui a imbricação de múltiplas relações de poder e relações de ordem cultural. Desse modo, nessa direção, pinçando na materialidade linguística, em torno do vocábulo “professora”, temos um exercício que se fecha na singularidade de sua própria atuação, aquela que ensina ciência, arte, técnica ou outros conhecimentos, aquela que o próprio sintagma aponta para o que tal sujeito faz = (aquela/aquela que) professa ser.

A troca do território “sala de aula” para a “sala de aula virtual”, assim como da “sala de aula” para a “sala de casa”, considerando a perspectiva tanto do aluno quanto do professor, apresenta inúmeras implicações. Do ponto de vista da representação do que é ensino-aprendizagem, reconhecemos as novas atribuições do professor, reiteradas no quadro “depois da quarentena” na postagem, como se fosse

uma saída de um território em busca de um novo lugar, ao qual o sujeito precisa se adequar para subjetivar-se, denotando um caráter indissociável de desterritorialização e reterritorialização. Acerca desse processo, observemos o que afirmam Guattari e Rolnik (2013):

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar cada vez mais rapidamente as estratificações materiais e mentais (GUATTARI & ROLNIK, 2013, p. 323).

Nessa perspectiva, Saquet (2006) discute que as múltiplas atuações docentes implicam nas condições históricas do ser professor na atualidade, pois lidam com diferentes perspectivas de se fazer morada no ser professor: na produção de serviços, na mobilidade, na (des) organização. O professor, segundo o pesquisador mencionado, materializa-se e se reproduz em movimentos desiguais, contraditórios e conflituosos. Além disso, pensando sob uma perspectiva discursiva, considerando o enunciado veiculado pela página, vimos surgir uma representação do professor tecnologizado, aquele que é atravessado por múltiplas tarefas e vozes. Outrossim, já que estamos tratando da questão do currículo na esteira do contemporâneo, deve ser destacado que isso também nos permite pensar acerca da viabilidade das novas exigências que surgiram para ser professor: influenciador; Youtuber; cinegrafista; diretor; tutor; e conselheiro, predicativos que trazem à baila um professor-ator, aquele que encena e vai reterritorializando modos de subjetivação para si no âmbito das urgência de um território outro, ao qual ele precisa adequar-se. A reterritorialização está, também, associada à necessidade de desterritorialização, pois não se trata

da mesma sala de aula física, ao mesmo tempo em que a função docente vai ser preservada, embora venha a somar-se às demais, estranhas ao sujeito, que desterritorializa o espaço ao seu redor. Desse modo, dessubjetiva a si mesmo a fim de ocupar um espaço estranho e adequar-se a um *modus operandi* diferente da função exercida antes da pandemia.

Dito isso, vamos à segunda postagem:



Foucault (1997, p. 60) compreendeu os discursos como “[...] práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. Assim, todo enunciado é produzido sob conjunturas sociohistórico-economicamente situadas. Desse modo, refletindo de modo crítico sobre a segunda postagem, vimos emergir uma representação docente em tempos de crise pandêmica, que, em caráter dual, traz à baila a(s) dificuldade de) “domesticação” das tecnologias, bem como estilhaça o novo normal, que se configura entre o patológico e o anormal. Isso pode ser visto a partir do uso do substantivo “Exaustão”, cuja acepção faz pensar acerca do extenuante trabalho docente-discente. Também vislumbramos essa representação docente, na pandemia, como se um exercício de consumo de si e do outro fosse instituído, como se as máquinas tivessem consumido o pouco de humano que ainda restasse. Isso pode ser materializado linguisticamente nos

dizeres “Quero ficar o resto do dia sem olhar para o celular” e “só pode ser o novo anormal da escola”. Além do já destacado, nós, como analistas do discurso e formadores de professores em cursos de licenciatura, apontamos um efeito de sentido em “só pode ser o novo anormal da escola”, uma vez que muitas práticas de ensino remoto emergencial têm se pautado na transposição da sala de aula física para a sala de aula virtual; entretanto, sabemos que há deslocamentos e entraves nesse percurso, como, por exemplo, horas/aula, que coadunam com horas de preparo; formação e especialização para atuação em contextos diversos.

Na medida em que ocorre o movimento de desterritorialização não somente do local, mas também da representação que temos acerca do fazer docente, a reterritorialização se materializa com novas características, respaldando-nos na compreensão da sociedade hipermoderna.

A função de desterritorialização: D é o movimento pelo qual “se” abandona o território. É a operação da linha de fuga. Porém, casos muito diferentes se apresentam. A D pode ser recoberta por uma reterritorialização que a compensa, com o que a linha de fuga permanece bloqueada; nesse sentido, podemos dizer que a D é negativa. Qualquer coisa pode fazer as vezes da reterritorialização, isto é, “valer pelo” território perdido; com efeito, a reterritorialização pode ser feita sobre um ser, sobre um objeto, sobre um livro, sobre um aparelho, sobre um sistema [...] (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 224, grifo no original).

Não foram apenas os professores que reterritorializaram os espaços de ensino e de aprendizagem. Os discentes também. A exaustão, então, não está relacionada apenas ao excesso de atividades docentes, como na primeira materialidade analisada, mas, agora, sob o ponto de vista discente, equivale, também, à exacerbação de horas de atividades escolares remotamente desenvolvidas. O uso da expressão “anormal” foi produzido em condições de produção específicas: visando a domesticação da diferença de um mundo em meio à pandemia em relação ao mundo antes dela, tal

instância corroborou a utilização de outra expressão: novo normal. Esse desejo de domesticar os efeitos da crise e do distanciamento social é ironizado no segundo enunciado já que a normalidade é substituída pela anormalidade. Se “normal” é uma expressão positivada, “anormalidade” é objetivada de modo contrário.

Assim, se aquilo que foi considerado “novo normal” sofre efeitos de uma positivação, como se houvesse um adestramento dos efeitos da pandemia na vida social, ao reiterar a (re) existência de uma “anormalidade” persistente, nos situamos no argumento de que a normalidade em meio ao caos não existe e que aqueles que se sentem “aliviados” com o uso da expressão “novo normal” ou que “se adequam” são justamente os que não vivem “no olho do furacão”.

É importante observar que o estudante representado na tirinha não é um sujeito de classe alta, visto que ele realiza atividades escolares por meio do uso do celular. A representação não se dá, portanto, sobre uma família que tem computador ou notebook, por exemplo, justamente porque a maioria da população brasileira não possui tais ferramentas. Nesse caso, a desterritorialização diz respeito a um deslocamento da sala de aula física para a sala de aula virtual. Mais do que isso, ela implica em transformações associadas ao uso desigual de ferramentas: a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Tecnologia da Informação e Comunicação 2018, divulgada em 29 de abril de 2020, pelo IBGE, constatou que uma entre quatro pessoas não tem acesso à internet no Brasil. A “anormalidade”, como pode ser notado, tem classe, status e aponta para a vulnerabilidade e desigualdade social brasileira.

## Considerações finais

Pensando nos elementos analisados e sobre a exaustão curricular, profissional e no âmbito das



transformações escolares em tempos pandêmicos, nosso olhar se volta para processos de identificação dos sujeitos-leitores das tirinhas e de desidentificação acerca do funcionamento da exaustão. Se podemos falar em modos de representação dos sujeitos que têm aparição nas materialidades analisadas, também é possível problematizar a implementação de rotinas exacerbadas que têm recaído sobre a população vulnerável em nosso país. Mais do que pensar em ferramentas e tecnologias, é preciso questionar o alcance na vida da população. É preciso considerar diferenças de renda, de raça, regionais e de classe social.

A pesquisa TIC Domicílios 2019, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, do Centro Regional para Desenvolvimento de Estudos sobre a Sociedade da Informação (Cetic.br), concluiu que *smartphones* e outros aparelhos móveis são as ferramentas mais usadas para conectar-se (99%), enquanto que computadores correspondem a 42%, TVs a 37% e videogames a 9% dos meios utilizados para uso da internet. Sendo o celular a forma mais habitual de acesso à internet, é necessário pensar que a reterritorialização da sala de aula física para a sala de aula virtual não ocorre sem efeitos de comprometimento do aprendizado. O acesso via dispositivos móveis também pode impactar a qualidade dos serviços já que tal modalidade de uso tem limitada franquia de dados, restringindo serviços que podem ser utilizados. Não se trata apenas de uma questão de desempenho ou de produtividade: é a vulnerabilidade, o adoecimento, o desgaste físico e emocional que estão em xeque. Podemos mencionar, então, que, em meio a tempos pandêmicos, as tecnologias digitais promovem a instauração de processos de desterritorialização e reterritorialização, que criam novas formas de circulação do poder e outros/novos agenciamentos. Mais do que “dar conta”, é preciso voltar-se, cada vez mais, para a problematização de modos de fazer e ser docente e discente no mundo em que vivemos

para que, mantidos sob o leito de Procusto, a exaustão não seja uma das formas de manifestação do “novo normal”.

## Referências

BANA, Ivanir Guidini. O discurso e a memória do dizer: o lugar da interpretação. *Revista Mediações*, Londrina, v. 8, n. 2, p. 119-143, jul./dez.2003.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. Campinas: Pontes, 1991.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 5. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de São Paulo UNESP, 1991.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2013.

HAESBAERT, Rogério. Dilemas de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Org.) *Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 95-120.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. 1. reimpressão. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

SAQUET, Marcos Aurélio. *Campo-Território:*

Considerações teórico-metodológicas. *Campo-Território, Uberlândia*, v. 1, n. 1, p. 60-81, fev. 2006.

SILVEIRA, Éderson Luís; SANTANA, Wilder Kléber Fernandes de. O impacto da ausência e a presença pernicioso: covid-19 e a necessidade de reeducação humana para sobrevivência do meio ambiente. *Acta Ambiental Catarinense, Chapecó*, v. 17, n. 1, p. 99-110, 2020.

**Submissão: novembro de 2020.**

**Aceite: março de 2021.**